

CICLO DE MOSTRAS
BDMG CULTURAL
2023

**PRISCILA
REZENDE**

AQUI JAZ
20 . JUL - 3 . SET

Os seres humanos necessitam de rituais de passagem para ir além, seja para novas conquistas, seja para abrir mão do que se foi ou experimentar o inesperado. O que a artista Priscila Rezende propõe com sua exposição-funeral-celebração é o início de um novo ritual, que nos possibilita refletir sobre medos, angústias e dores diárias.

A artista expõe processos traumáticos aos quais alguns corpos são expostos de modo recorrente e propõe uma conexão com os espectadores, ao passo que explicita a dor e raiva, assim como o alívio e a possibilidade de cura.

"Aqui Jaz" a indiferença, o medo do outro, a violência física e psicológica.

O projeto de Priscila Rezende foi uma das quatro exposições selecionadas, dentre as quase cem inscritas, no edital do Ciclo de Mostras BDMG Cultural 2023, junto das artistas Vânia Barbosa e Yanaki Herrera e de Yago Gouvêa

No ano em que o Instituto BDMG Cultural completa 35 anos, continuamos empenhados em contribuir para a reflexão acerca do tempo presente e todos os seus desafios pulsantes.



"Há tempo de nascer, e tempo de morrer;
tempo de plantar, e tempo de arrancar
o que se plantou;

Tempo de matar, e tempo de curar;
tempo de derrubar, e tempo de construir;



Tempo de chorar, e tempo de rir;
tempo de prantear, e tempo de dançar."

**“Quem pode dizer
se o fôlego do homem sobe às alturas
e o dos animais desce para a terra?”**

**E compreendi que nada há de melhor do que alegrar-se o homem
nas suas obras, porque essa é a sua recompensa;
pois, quem o fará voltar para ver o que será depois dele?”**





AQUI JAZ

TODOS OS DIAS, MULHERES SÃO DESTRUÍDAS. Todos os dias, porém, mulheres se erguem em re-existência. Sobreviventes de violências patriarcais que dilaceram seus corpos e subjetividades.

E é sobre suas memórias de sobrevivência que Priscila Rezende tece as obras que formam *Aqui Jaz*. Trazendo diferentes suportes – fotografia, vídeo-performance e performance – a exposição – que poderia muito bem se chamar agosto, pelo forte simbolismo que este mês carrega para a artista – é sobre violência, mas é, antes de tudo, sobre libertação.

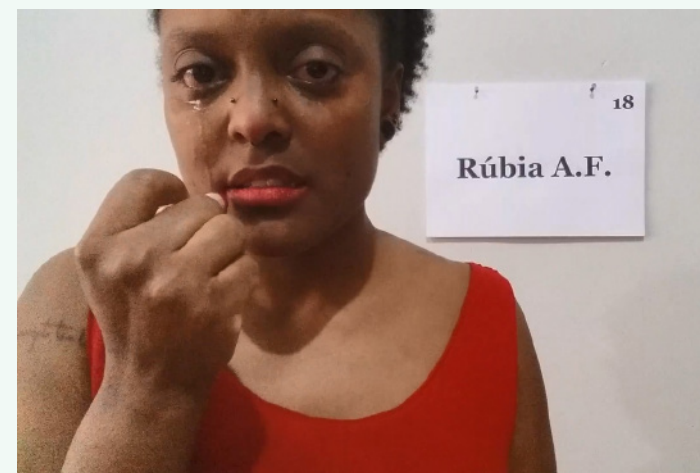
Como um ritual de celebração e renascimento, *Aqui Jaz* produz experiência catártica e busca a escuta de dores compartilhadas. Isso porque Priscila não está só: a ferida aberta, suturada em cada imagem e frase que compõe a exposição, transpassa outras existências, uma vez que, na encruzilhada identitária que forja sua força, temos os maiores índices de violência. Mulheres negras são maioria em taxas de trabalho infantil, subemprego e encarceramento; são a maioria das vítimas nos casos de agressão sexual, violência doméstica e feminicídios. Assim, mulheres negras são marcadas pelo trauma colonial. Mas não são corpos dóceis. Por isso, em cada imagem de *Aqui Jaz* ressoa também a revolta, a raiva que, antes de tudo, almeja balançar as estruturas patriarcais que nos agrilhoam cotidianamente.

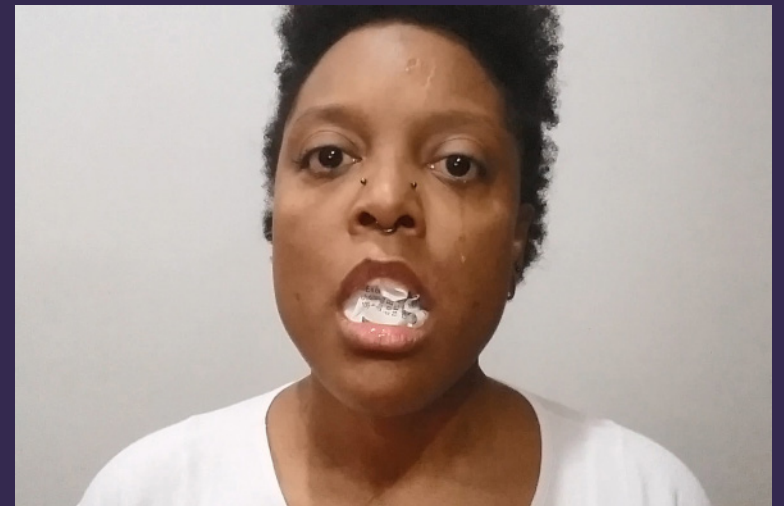
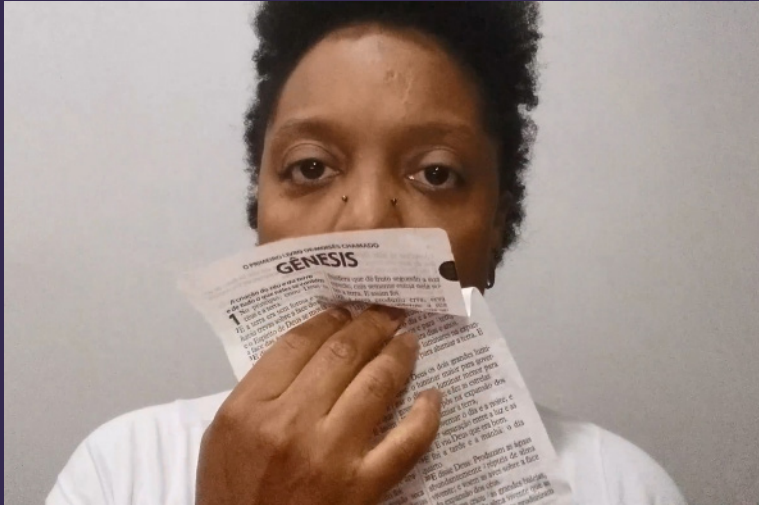
A exposição é sobre violência, mas é também sobre romper silêncios. Sobre devorar e vomitar a palavra de controle que pesa sobre nós. Criada em lar religioso, Priscila conhece muito bem os dogmas que submetem mulheres e filhos ao jugo do PAI.

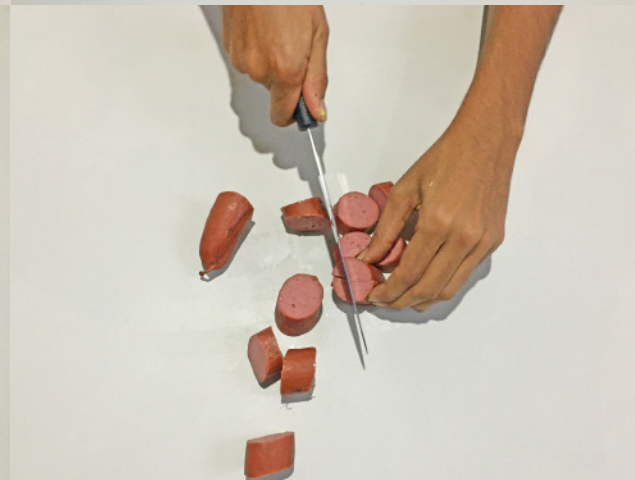
Recusando o medo e transformando o silêncio em ação, ela denuncia os vínculos entre violência de gênero e religião. Em *Provérbios 10:01*, enquanto picota trechos bíblicos doutrinadores da disciplina paterna, relata violências sofridas nas mãos de seu genitor. Já em *Eu sufoquei e morri* inúmeras vezes em sua presença, engole páginas da Bíblia até vomitar. Dando sequência ao ritual de libertação, exorciza traumas ao expor o túmulo de seu agressor no tríptico *Eclesiastes 3:00*. Afinal, há o tempo de calar e de plantar, mas há o tempo de falar e o de curar.

E se a palavra cura, é por ela que Priscila conecta, em dororidade, seus traumas pessoais à violência sofrida por outras mulheres, tanto na vídeo-performance *Agosto* – em que as homenageia trazendo seus nomes para o cotidiano da ação – quanto em *Gênesis 03:16*, performance em que alterna a leitura de relatos de violência a de páginas da Bíblia que, em seguida, mastiga e cospe.

Recusando a docilidade, ela redistribui a violência patriarcal. Como ensina Audre Lorde, toda mulher tem um arsenal de raiva que, usado com precisão, pode alterar radicalmente as estruturas que nos oprimem. Assim, Priscila marca sua resposta em *Vindita*, sequência fotográfica com delicioso sabor de vingança e dilaceração de alimentos fálicos que reverbera na performance *Banquete*, em que os alimentos são servidos ao público presente. Assumindo o protagonismo de sua história e se negando a repetir passos já dados, ela enterra suas feridas para cimentar outros mundos possíveis para o feminino corpo da negrura.















ESTAS PALAVRAS QUE AQUI TRAGO são uma carta que tento escrever o mais honestamente possível, primeiramente comigo mesma e, posteriormente, com todas as mulheres que a lerão.

Isto não é uma exposição de arte. Não estou parafraseando Magritte. É porque, realmente, isto não se trata somente de arte. Isto é um sepultamento — ou um funeral, talvez? Pode ser o princípio de todo o ritual, que provavelmente irá se estender por um longo tempo. Em verdade, creio que ele acontece diariamente, mesmo que eu não perceba. Mesmo que você não note. Afinal, uma dor, o medo: nada disso desaparece de um dia para o outro. Pode ser que não desapareçam nunca, para ser o mais honesta possível. Creio que só quem viveu sob o medo diariamente, durante um longo tempo, conseguirá compreender o que digo aqui.

À minha frente, fixado num painel colorido, disposto na parede da sala, de onde agora escrevo esta carta-desabafo, há um parágrafo de Audre Lorde que diz:

"Buscar o poder dentro de mim significa que devo estar disposta a atravessar o medo e partir rumo ao que há além dele".

Me apeguei a essa frase como um lembrete salva-vidas. Às vezes, quando sinto estar me afogando, eu o vejo e o uso para continuar flutuando até retomar o fôlego necessário para continuar seguindo. E, assim, a vida continua, dia após dia, ano após ano.

Fico muito feliz que esta exposição-ritual seguirá ao longo do mês de Agosto. Para alguns, mês do desgosto. No entanto, eu, que sou uma pessoa apegada a datas, tenho colecionado muitos dias felizes neste mês. Eu nasci em Agosto, e cada Agosto finalizado é mais um ano superado. Alguns pensam ser um ano mais perto da morte. Eu considero mais um ano vivido.

Em 2023, serão 38 anos de vida, 12 de liberdade, e 2 anos desde que eu pude, enfim, respirar com um medo a menos. Eu, honestamente, desconheço alguma mulher que não tenha um abusador em sua memória. Eu não falo de um ex-marido ou de um ex-namorado violento. Falo de ex-companheiros, pais, irmãos, tios, primos, avôs, professores, chefes, "colegas" de trabalho, "amigos" e desconhecidos que se acham no direito de nos acostrar nas ruas, nas salas, em nossas próprias casas. Nos matar... simbolicamente, e fisicamente. Desconheço alguma mulher que não seja, em alguma medida, uma sobrevivente.

Aqui jazem meus traumas, meus medos e todas as dores as quais tenho atravessado diariamente rumo ao poder e à força que sei que busco nutrir diariamente para continuar não sobrevivendo, mas vivendo. E eu sei que você também a busca.

Isto não é uma exposição de arte. Isto é uma exposição-funeral-celebração. É para mim e espero que possa ser também para todas as mulheres que por aqui passarão.

Priscila Rezende
julho de 2023



Provérbios de Salomão: O filho sábio dá alegria
ao pai; o filho tolo dá tristeza à mãe.
Provérbios 10:1

PRECIOSAS
PROMESSAS
de Deus

Suportem as dificuldades, recebendo-as como
disciplina; Deus os trata como filhos. Ora, qual
o filho que não é disciplinado por seu pai?
Hebreus 12.7

OBRAS DO CATÁLOGO

Eclesiastes 3 (tríptico) (imagem de capa) 2023 Fotografia, impressão com pigmento mineral sobre papel fosco de algodão Hahnemühle Studio Enhanced 210g 100 x 66cm Fotos: Felipe Messias	Vindita 2022 Fotografia, impressão com pigmento mineral sobre papel fosco de algodão Hahnemühle Studio Enhanced 210g 15 x 20 cm Fotos: Priscila Rezende	Eclesiastes 3 (tríptico) 2023 Fotografia, impressão com pigmento mineral sobre papel fosco de algodão Hahnemühle Studio Enhanced 210g 100 x 66 cm Fotos: Felipe Messias
Agosto 2020 Vídeo-performance <i>Obra comissionada ao programa IMS Quarentena - Programa Convida</i> 32'22"	O banquete 2019 Performance Fotos: Daisy Serena	Provérbios 10:01 2021 Vídeo 11'33"
Eu sufoquei e morri inúmeras vezes na sua presença 2021 Vídeo-performance 05'52"	Gênesis 03:16 2019 Performance e fotografia, impressão com pigmento mineral sobre papel fosco de algodão Hahnemühle Studio Enhanced 210g 40 x 60 cm Fotos: Edilaine Pereira	



PRISCILA REZENDE

Natural de Belo Horizonte, onde vive e trabalha, Priscila Rezende é artista visual graduada em Artes Plásticas pela Escola Guignard – UEMG. Desenvolve trabalhos em múltiplas linguagens, tendo a performance como produção expressiva em sua trajetória. De maneira catártica, se apropria da raiva e da violência como instrumentos para confrontar o racismo, a misoginia e o machismo.

A visceralidade é um traço marcante e recorrente em sua obra, que busca golpear o público com um enunciado direto e claro. Atualmente integra a exposição Um defeito de cor, no Museu de Arte do Rio (Rio de Janeiro); expôs no Centro Cultural São Paulo (São Paulo); 11º Salão de Artes Victor Meirelles (Florianópolis); Bienal Mercosul (Porto Alegre); Corpus Urbis (Oiapoque); Histórias Afro-Atlânticas (São Paulo); SAVVY Contemporary (Berlim); Saldo de Performance (Belo Horizonte). Atuou também no Territori Performance Art Festival (Ibiza); Postcolonial Poly Perspectives (Berlim); Malta Festival (Poznan); What is Left Unseen (Utrecht); Festival Internacional de Teatro y Artes de Calle (Valladolid). Foi artista residente na Central Saint Martins (Londres) e Art Omi (Nova Iorque); indicada ao Prêmio Pipa 2021.

FICHA TÉCNICA BDMG CULTURAL

Diretor Presidente
Gustavo Mitre

Diretora Financeira
Larissa D'Arc

Coordenador
Artes Visuais
Érico Grossi

Coordenadora
do educativo
Paula Lobato

Projeto Gráfico
Maria T Morais

Comunicação
Paulo Proença

Montagem
Sérgio Arruda

Fotografia
Dynelle Coelho

Textos
Nina Caetano
Priscila Rezende

Expografia
Carolina Baião
Priscila Rezende

Comissão seleção
ciclo de mostras 2023
Júlia Rebouças
Lorena D'Arc
Lucas Amarin


**CICLO DE MOSTRAS
BDMG CULTURAL 2023**


Vânia Barbosa

Yanaki Herrera

PRISCILA REZENDE

Iago Gouvêa

 @bdmg.cultural

 www.bdmg cultural.mg.gov.br

**GALERIA DE ARTE
BDMG CULTURAL**

Rua Bernardo Guimarães
1600 Lourdes

35
ANOS **BDMG,**
CULTURAL **BDMG**

 **CIRCUITO
LIBERDADE**

CULTURA E
TURISMO



**MINAS
GERAIS**

GOVERNO
DIFERENTE.
ESTADO
EFICIENTE.

distribuição gratuita